



## Claudine Haroche<sup>1</sup>

### Entrevista com Olgária Matos<sup>2</sup>

**Como você chegou à filosofia? Você hesitou entre várias áreas? Foi uma questão de bons encontros? Leituras? E em que momento? No Colégio ou mais tarde na Universidade?**

A Filosofia chegou a mim pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), assim denominada nos anos 1966, pela professora Zelinda Casella, do Liceu *Pasteur*, em que estudei antes de ingressar na universidade, em 1967. Ela foi formada pelo departamento e nos iniciou no pensamento dos filósofos da história da Filosofia, nos problemas filosóficos e na leitura dos textos dos autores clássicos, de quem, nos três anos em que lecionou para minha turma no colegial, lemos obras como: os dez livros da *República*, de Platão, de Descartes, o *Discurso do Método*, de Bergson, *A Evolução Criadora*, bem como líamos o *Court Traité de Logique*, de Huisman e Vergez, obras de Armand Cuvillier, entre outros, que viriam também a ser indicados no primeiro ano do curso de Filosofia da USP. Como excelente professora, os conhecimentos que compartilhava conosco eram transmitidos nas aulas que seguiam a história da Filosofia desde os pré-socráticos até Descartes. A professora Zelinda Casella nos ensinou a compreender os autores antes ou em lugar de julgá-los segundo nosso gosto ou opiniões, atitude que reencontrei desenvolvida e em um registro já próprio da pesquisa filosófica no

<sup>1</sup> Diretora de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), vinculada ao Centre Edgar Morin, ao Instituto Interdisciplinar de Antropologia do Contemporâneo (IIAC) na Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (EHESS). E-mail: clharoche@aol.com .

<sup>2</sup> Entrevista realizada em Paris, em setembro de 2018.

departamento de Filosofia. O “Eros” filosófico chegou a mim com a professora cujo encantamento foi absoluto, com a professora Marilena Chauí que, muito jovem, já se destacava no departamento de Filosofia por seu rigor nas aulas expositivas temáticas, pela erudição dos seminários em história da Filosofia e pela dedicação devotada na leitura, correções, sugestões e modelo de análise de textos para fundamentação das leituras que fazíamos, em particular de Maurice Merleau-Ponty, Sartre, Espinosa, Diderot, mas também dos trágicos gregos, como Ésquilo e seu *Prometeu acorrentado*, em curso sobre história da Razão. Assim, a Filosofia veio a mim como um dom e como Eros, sem o qual não poderia haver idealização e desejo de conhecer. Em 1967, fui aprovada no vestibular de Filosofia e Psicologia da USP, vindo em seguida a permanecer apenas no curso de Filosofia, pois à época o curso de Psicologia era voltado para a Psicologia experimental que justamente Merleau-Ponty questionava. No acalorado e fecundo ano de 1968, passei no vestibular para Cinema na ECA (Escola de Comunicação e Artes, da USP), com o desejo de ampliar as relações da Filosofia com as Artes. Tive a felicidade de ter professores que foram meus caminhos e, por assim dizer, meus guias. Aprendi a reconhecer Dostoiévski em *Rocco e seus irmãos*, de Visconti, o niilismo de que tratou Nietzsche.

**Quais são seus autores prediletos? Você começou pela filosofia antiga? Ou você a descobriu a partir de outras épocas, pelo século XIX, ou pelo contemporâneo?**

Meus autores de inspiração são Heráclito, Platão, Rousseau, Horkheimer, Adorno, Benjamin e Derrida, todos eles filósofos poetas.

**Walter Benjamin é certamente um autor maior. Você foi atraída por sua escrita, por ele ter escrito por fragmentos – o fragmento sendo o contrário da monografia na qual se procura dizer tudo sobre uma questão? Ou você se encantou pela maneira pela qual Benjamin formula observações teóricas extraordinariamente concisas que se abrem a questões que, por sua vez, abrem novos questionamentos?**

Cheguei a Benjamin durante os anos em que dediquei meus cursos a Horkheimer e Adorno, porque meus alunos invariavelmente colocavam perguntas sobre Benjamin e eu, para dar respostas, precisava estudá-lo. O estilo filosófico como gênero literário — de Benjamin, Adorno e Horkheimer em particular — se expressava em ensaios, fragmentos, aforismos, o que, na senda das formas breves herdadas dos

pré-socráticos, mas também do romantismo, era um exercício anti-sistema, no sentido de não haver soluções definitivas nem na teoria nem na história. Walter Benjamin foi um dos autores que, com Baudelaire, identificou o trauma de origem de uma modernidade que resultaria na catástrofe das guerras mundiais, na desaturação da cultura e na perda da experiência como valor simbólico e estruturante da vida subjetiva da vida social, pobreza que não é apenas falta de experiência mas também seu excesso. Identificou que a crise da experiência e o fim da cultura humanista prepararam o que viria em seguida, as guerras e a universalização do fetichismo sob o primado da utilidade, da economia e da técnica que perderam o sentido de seus fins. Benjamin, em particular, foi sensível a Kafka e ao advento de processos sem sujeito.

**Você se lembra do primeiro ou dos primeiros textos que você descobriu de Benjamin? Você poderia falar deles?**

Até onde posso me lembrar, li os ensaios de Benjamin em 1973 na coleção *Os Pensadores*, da editora Abril: “Alguns motivos em Baudelaire” e “As afinidades Eletivas de Goethe”, o primeiro que tematiza o fim do papel filosófico e existencial da cultura e a queda de todos os valores em valor de troca, que no limiar da despoetização do mundo, antes de morrer, o poeta dá um grito, como um “aviso de incêndio”, grito contra a expropriação do tempo da experiência, o amor à última vista de “Uma Passante”; e o ensaio sobre Goethe e o amor como atração alquímica, não-causal, em que Eros toma o lugar do Logos racionalista e da fria luz do raciocínio abstrato, o adultério consentido como pura utopia. E no fundo de tudo, a versão platônica que constitui a história do amor no Ocidente, a da separação dos amantes. Li também “Experiência e Pobreza” e as teses “Sobre o conceito de história”, na controvertida e ao mesmo tempo tão benjaminiana tradução de Maurice Gandillac, em que o aspecto explosivo, violento da história cede diante do frágil corpo humano, exposto, vulnerável e mortal.

**As relações de Horkheimer e Adorno com Benjamin parece que não eram boas. Você o atribui a questões de personalidade? Rivalidades intelectuais? Há proximidade entre o pensamento de Horkheimer, Benjamin e Adorno? Proximidade temática, problemática? Ou, inversamente, quais diferenças? Caminhos de argumentação diferentes? Ou capacidade estilística, narrativa de ir ao essencial de maneira inédita, inovadora e até mesmo revolucionária?**

Adorno era um bom amigo de Benjamin, sempre interveio a seu favor junto à Horkheimer no sentido de publicar seus ensaios na *Revista para a Pesquisa Social* e financiamento por meio de bolsas de pesquisa do que, nos anos 1950, ficaria conhecida como Escola de Frankfurt. As cartas trocadas entre Benjamin e Adorno no ano de 1938, deram a ideia de uma desavença intelectual entre ambos, com respeito ao ensaio sobre Baudelaire a ser publicado na *Revista*, mas a meu ver me pareceu uma crítica sincera de Adorno que notava em Benjamin um esforço em ser “marxista” e ligar a poética de Baudelaire às políticas econômicas do Segundo Império. Sugeriu alterações para que Horkheimer não se opusesse à publicação, e de maneira tanto mais dramática quanto às condições de vida de Benjamin eram extremamente precárias em seu exílio em Paris. Foi Hannah Arendt, em particular, que não apreciava Adorno, que contribuiu para essa ideia de rivalidade de Adorno com respeito a Benjamin e também por um episódio do jovem Adorno que, em uma conferência de 1931, quando professor iniciante em sua aula inaugural, tratou do conceito de história natural, desenvolvido por Benjamin no *Drama Barroco Alemão* em 1924, sem mencioná-lo. Adorno se desculpou e por ocasião da publicação da aula fez todas as referências a Benjamin. Penso que Horkheimer, Adorno e Benjamin — para nos concentrarmos no núcleo mais filosófico da Escola — tinham origens e influências intelectuais diferentes, como Horkheimer leitor de Schopenhauer, Adorno de Kant e Hegel, Benjamin desses filósofos mas também de toda tradição literária ocidental e do judaísmo, mas estavam reunidos por uma questão comum, a dissolução da tradição humanista, a “escalada da insignificância”, a Primeira Guerra Mundial e a ascensão do nazismo na Alemanha e dos fascismos na Europa, o estalinismo soviético e a crise das esquerdas, a bolchevização do partido comunista alemão, enfim, o avanço dos totalitarismos e o empobrecimento da vida do espírito e o crescente mal estar da civilização, a perda da delicadeza como laço social. Adorno, em um de seus fragmentos de *Mínima Moralía*, lembra que a civilidade começou quando diante de uma porta estreita duas pessoas devendo passar, cada uma se dirigia a outra dizendo “por favor, passe primeiro”. Essa atenção pelo que parece secundário, marginal, sem importância é central para esses filósofos e seu olhar micrológico sobre o presente. O pensamento de Adorno tem muitas semelhanças com o de Benjamin. Assim como Adorno se valeu em suas reflexões benjaminianas sobre a naturalização da história e sua autonomização com respeito àqueles que a fazem, também Benjamin encontrou nas análises de Adorno sobre Kierkegaard a descrição por assim dizer do animismo moderno, na coisificação do que é vivo e na animização do que é morto, consagradas na noção de *sex appeal* do inorgânico de Benjamin, e no estupor da facticidade de Adorno.

**Quais são para você as questões maiores vislumbradas por Benjamin e às quais o contemporâneo se esforça em responder?**

Benjamin identificou a origem da modernidade em um trauma, nos processos acelerados de destruição de modos de vida, de saberes vernaculares, de valores e pertencimento simbólicos advindos com a Revolução Científica dos séculos XV, XVI e XVII, o heliocentrismo que transformou a Terra em um astro errante na periferia do espaço infinito, a Revolução Industrial inglesa e a Revolução francesa. Todos estes acontecimentos desenraizaram coletividades inteiras, hoje atestado pelas imigrações em massa de foragidos, perseguidos, a precarização da vida, o sentimento de abandono e desproteção. O fenômeno da perda do metro, da busca da justa medida das coisas — na vida e no pensamento — cedeu ao deslimite da técnica e da economia que também ela se submete às inovações técnicas. Na figura do “Anjo da História” de Paul Klee, Benjamin reconhece um ser estranho, que tem as asas abertas e, de costas para o futuro, é empurrado para ele pelo vendaval chamado progresso. O progresso segue para o futuro de maneira cega, é sem orientação e sem destinação. A ciência e a técnica modernas confundem liberdade de pesquisa com onipotência, não se perguntando sobre os impactos da acelerada mudança de comportamentos que a técnica permite em suas intervenções na natureza. Sofrimento identitário, despersonalização, reificação, desrealizações se expressam no historicismo de instituições produzidas para funcionarem como substituto de uma tradição que não mais se transmitiu. Assim, quanto mais a modernidade desqualifica os saberes literários, aqueles ligados à sua história — pois o que seria da Filosofia sem sua história? E da literatura? — quanto mais o presente é anti-genealógico, mais se buscam “origens” cuja experiência desapareceu. Benjamin trata dessa questão em particular em seus escritos sobre Kafka, Karl Kraus, o Barroco, etc. A precarização da vida, a desinstitucionalização das instituições antes encarregadas de diminuir o domínio da contingência sobre a vida de cada um e da comunidade política, leva ao retorno da insegurança social, ao medo e assim à ameaça dos totalitarismos.

**Quais os outros filósofos que marcaram você? Certamente Marx? E mais recentemente?**

Penso que os filósofos que sempre estiveram comigo são Platão e o livro atualíssimo de Adorno e Horkheimer que é a *Dialética do Esclarecimento*. O filme “A Pele que habito” de Almodóvar o expressa bem, tudo o que a técnica pode fazer com

o corpo, que o torna irreconhecível. É a modernidade em que ninguém mais habita o corpo que tem, a questão da crise de identidade, do sentido, da sociedade do trabalho, dos indivíduos transformados em seres descartáveis, supérfluos etc. Hannah Arendt, então, sobre as consequências do fim do Estado-Nação, o desaparecimento das fronteiras simbólicas, o excesso de proximidade e a necessidade de distâncias mediadoras que a economia atual e as tecnologias destruíram. René Girard que reconhece neste fenômeno a tendência à indiferenciação e por isso o retorno da violência para remarcar a própria identidade e não desaparecer na fusão primordial que caracteriza a violência mítica. Clastres e a insuficiência política para mudar o mundo. Derrida e a difícil hospitalidade incondicional. Enfim, muitos filósofos com preocupações comuns.

**Eu sei que você se dedica a questões cruciais, em particular, a da utopia, do tempo, do cosmopolitismo. Quais as que parecem a você as mais essenciais hoje?**

A aceleração das mudanças, a impossibilidade de valores que as acompanhem se formarem, na medida em que estes requerem o tempo, o fechamento do futuro e a degradação filosófica do futuro que não é hoje uma esperança mas uma ameaça, tudo indica uma estagnação num presente que é falso movimento, uma hiper-atividade que é uma inatividade porque atividade para nada, sem objetivo ou direção. Mas a utopia é justamente o que reabre o tempo, seja porque ela é irrealizável – se se realiza não é mais utopia e assim se torna só o realismo de que se quer escapar – seja porque, como nota Derrida, ela já está aqui, havendo elementos utópicos no realismo e elementos realistas na utopia. E que a utopia é tanto mais bela quanto mais distante.

Recebido em 26.09.2018.

Aceito para publicação em 05.10.2018.

© 2018 Claudine Haroche. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ([http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)).